

## Breve Caracterização do Sector da Construção<sup>1</sup>

Elsa de Morais Sarmento<sup>2</sup>

### 1. Introdução

Esta análise pretende caracterizar de forma sucinta o sector da Construção e a sua evolução mais recente, a nível do emprego, da dinâmica empresarial e do investimento no sector.

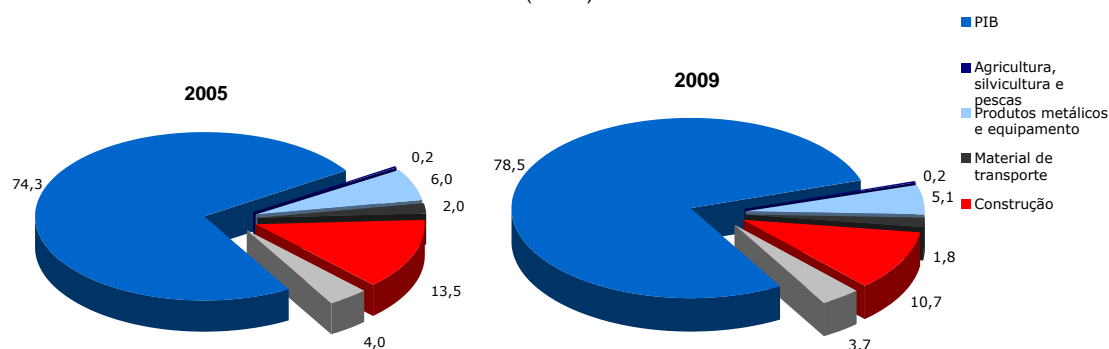
A secção seguinte é dedicada à caracterização do sector através das Contas Nacionais do Instituto Nacional de Estatística (INE), a terceira à dinâmica empresarial no sector segundo a óptica dos Quadros de Pessoal para as empresas empregadoras activas. A quarta secção é dedicada ao emprego e a quinta à análise de sobrevivência comparada do sector da Construção. A última secção conclui.

### 2. O Sector da Construção na Óptica das Contas Nacionais

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), o número de empresas no sector da Construção (letra F da CAE Rev.3) era em 2008, de cerca 117 mil, menos 2,4% do que em 2007 (Quadro 2). Os dois sub-sectores onde foram criadas mais empresas foram a “Construção de redes de transporte e distribuição de electricidade e comunicações” e o de “Actividades de colocação de coberturas”. Onde se registou uma evolução menos positiva face a 2007 foi na “Construção de outras obras de engenharia civil” e em “Outras instalações em construções”. O número de empresas foi no entanto o único indicador que registou uma evolução desfavorável. O pessoal ao serviço, a produção, o valor acrescentado mas sobretudo o volume de negócios e a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) registaram acréscimos face a 2007 (0,4%, 2%, 1,8%, 2,5% e 8,3%, respectivamente).

Em 2009, o investimento representava 21,6% do PIB, tendo a componente da Construção um peso de 10,7% (e de 40,3% da FBCF total), revelando uma diminuição relativamente ao ano de 2005 (13,5% do PIB) e a anos subsequentes (Quadro 1). Das rubricas apresentadas na figura seguinte, a Construção foi a que desceu mais acentuadamente.

**Figura 1. Peso da FBCF por rubricas a preços correntes no PIB a preços correntes em 2009**  
(em %)



Fonte: Cálculos próprios a partir das Contas Nacionais Trimestrais do INE.

<sup>1</sup> Agradeço ao Gabinete de Estratégia e Planeamento, do Ministério do Trabalho e da Segurança Social, o fornecimento da Base de Dados dos Quadros de Pessoal. Este trabalho apoia-se em estudos anteriores em colaboração com a Professora Alcina Nunes, à qual se agradece a permissão da sua utilização. Este trabalho reflecte unicamente a opinião da sua autora.

<sup>2</sup> Departamento de Economia e Gestão, Universidade de Aveiro, Portugal; Gabinete de Estratégia e Estudos do Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento (elsa.sarmiento@gEE.min-economia.pt).

**Quadro 1. Peso da FBCF e da FBCF em construção no PIB, a preços correntes**  
(%)

		2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Peso FBCF em Construção no PIB</b>	<b>%</b>	13,8	14,0	13,4	12,2	12,0	13,5	11,1	10,9	10,8	10,7
		27,7	27,1	25,2	22,9	23,1	26,1	22,2	22,2	22,3	21,6

Fonte: Cálculos próprios a partir das Contas Nacionais Trimestrais do INE.

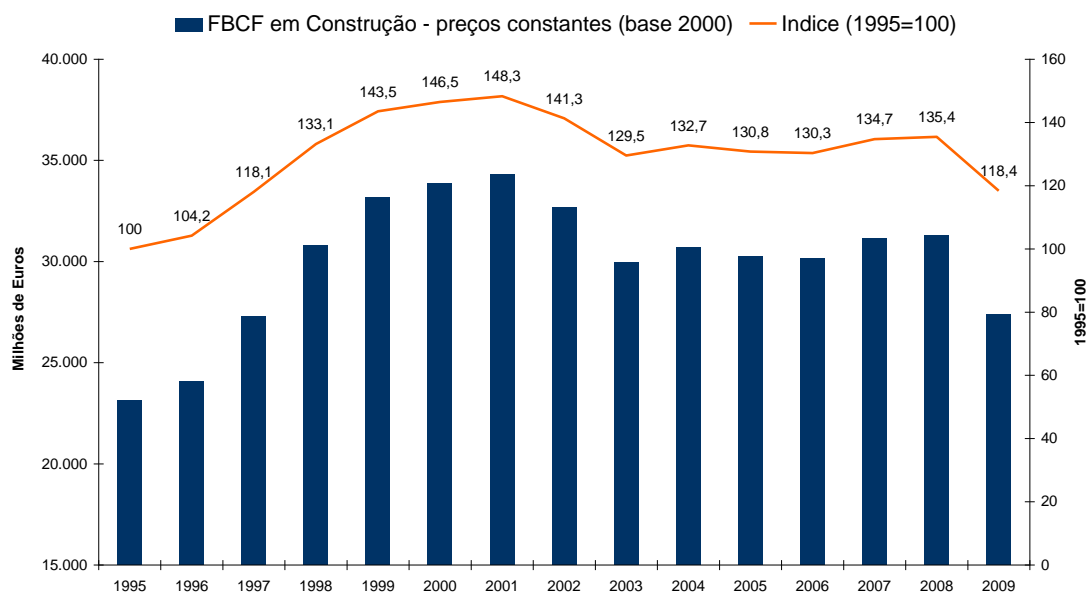
**Quadro 2. Principais indicadores para a construção e correspondente desagregação sectorial**

Código da actividade económica (CAE Rev. 3)		Empresas (nº)		Pessoal ao serviço (nº)		Volume de negócios (€)		Produção (€)		Valor acrescentado bruto (€)		Formação bruta de capital fixo (€)	
		2007	2008	2007	2008	2007	2008	2007	2008	2007	2008	2007	2008
A	081	1 362	1 326	12 051	11 851	891 800 587	890 091 350	863 875 113	868 256 690	345 001 511	340 797 292	84 659 838	77 831 918
	233	285	276	8 278	7 987	639 136 495	626 433 970	649 376 613	645 956 968	234 904 089	218 174 707	39 983 282	102 654 700
C	234	1 207	1 145	15 201	13 503	626 658 201	546 005 340	565 485 688	490 894 807	282 031 083	228 102 173	44 509 621	14 569 973
	237	2 294	2 197	14 507	13 597	690 102 133	677 470 944	648 695 731	632 068 927	246 895 038	238 980 664	43 801 589	43 553 276
F	411	3 173	3 140	7 073	7 241	2 240 945 137	1 680 280 058	2 028 706 891	1 726 228 605	508 693 316	493 237 132	394 434 917	454 669 803
	412	58 933	56 518	265 788	256 726	17 067 720 818	16 764 165 816	17 372 360 178	16 669 653 478	4 967 564 700	4 674 955 143	488 419 220	523 891 255
	421	405	425	30 523	37 289	4 075 969 166	4 731 328 876	4 277 862 003	4 942 759 121	957 971 916	1 179 386 632	208 281 180	335 281 897
	422	341	378	8 095	8 244	898 948 025	931 197 516	923 094 308	990 849 884	237 741 525	241 076 632	18 230 898	34 596 216
	429	3 371	3 119	38 133	39 809	3 277 815 343	3 795 422 773	3 305 806 287	3 815 807 521	913 082 158	949 973 542	106 037 949	- 16 575 147
	431	1 775	1 781	7 877	7 997	464 956 005	491 318 869	443 217 960	494 190 439	161 455 254	185 473 411	40 230 823	34 914 214
M	432	21 517	21 075	75 757	76 810	4 136 423 673	4 414 797 548	3 680 011 357	3 845 779 429	1 329 184 138	1 444 550 060	98 483 673	100 481 785
	433	27 302	27 219	56 874	57 265	1 645 207 951	1 681 094 601	1 507 753 268	1 541 002 558	622 921 438	646 461 488	51 728 395	44 265 837
	439	3 143	3 372	20 930	21 824	1 301 261 432	1 498 146 141	1 232 268 625	1 435 670 369	440 443 274	503 651 147	78 667 869	95 981 333
M	711	34 185	33 335	54 141	54 993	2 428 752 314	2 622 493 843	2 345 639 830	2 489 131 940	1 060 227 177	1 143 346 191	168 056 991	274 551 895
	749	1 724	2 251	4 742	5 477	252 125 392	295 668 676	243 729 536	276 583 571	111 007 842	126 267 502	29 068 888	43 812 357
<b>Total Construção (CAE F)</b>		<b>119 960</b>	<b>117 027</b>	<b>511 050</b>	<b>513 205</b>	<b>35 109 247 550</b>	<b>35 987 752 198</b>	<b>34 771 080 877</b>	<b>35 461 941 404</b>	<b>10 139 057 719</b>	<b>10 318 765 187</b>	<b>1 484 514 924</b>	<b>1 607 507 193</b>

Fonte: Instituto Nacional de Estatística.

A FBCF em Construção tem vindo a desacelerar o seu ritmo de crescimento desde 2001, com especial ênfase para o ano de 2009 (-12,6% em termos homólogos). Embora demonstrando alguma recuperação entre 2007 e 2008, retorna em 2009 para um valor de investimento sensivelmente idêntico ao de 1997.

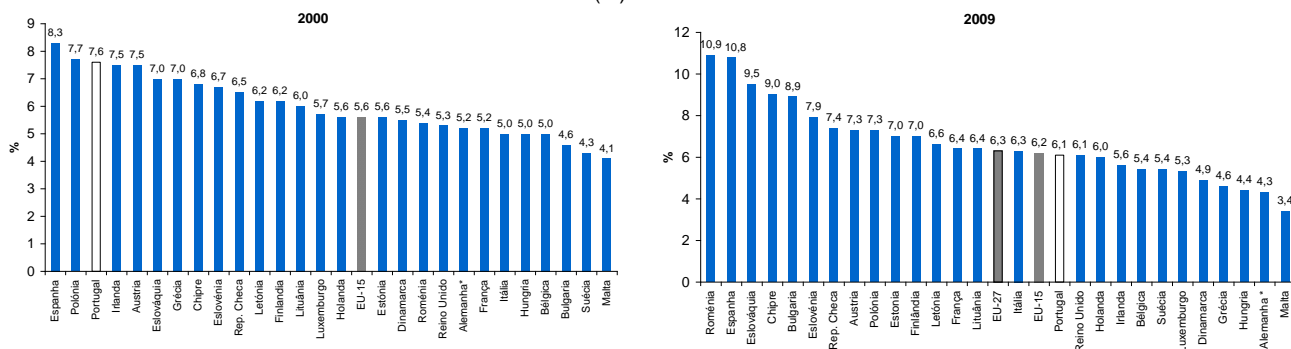
**Figura 2. Evolução da FBCF em construção a preços constantes de 2002, entre 1995 e 2009**



Fonte: Cálculos próprios a partir das Contas Nacionais Trimestrais do INE.

O peso do VAB do sector da Construção no VAB total tem vindo a ser menos preponderante desde 2000. Em 2000, do conjunto de países da União Europeia (UE), Portugal detinha o terceiro maior peso do VAB em Construção (7,6%), acima da média da UE. Em 2009, Portugal apresenta uma proporção do VAB na Construção inferior à média da UE27 e da UE15, sendo agora o 16º país com maior peso do VAB da Construção (6,1%). Em 2000, Portugal representava 1,8% do VAB total em Construção da UE mas apenas 1,4% em 2009. Outros países como a Alemanha e o Reino Unido também verificaram evoluções descendentes, enquanto Espanha apresentava em 2009 (15,8%) um peso na UE superior ao de 2000 (10,3%).

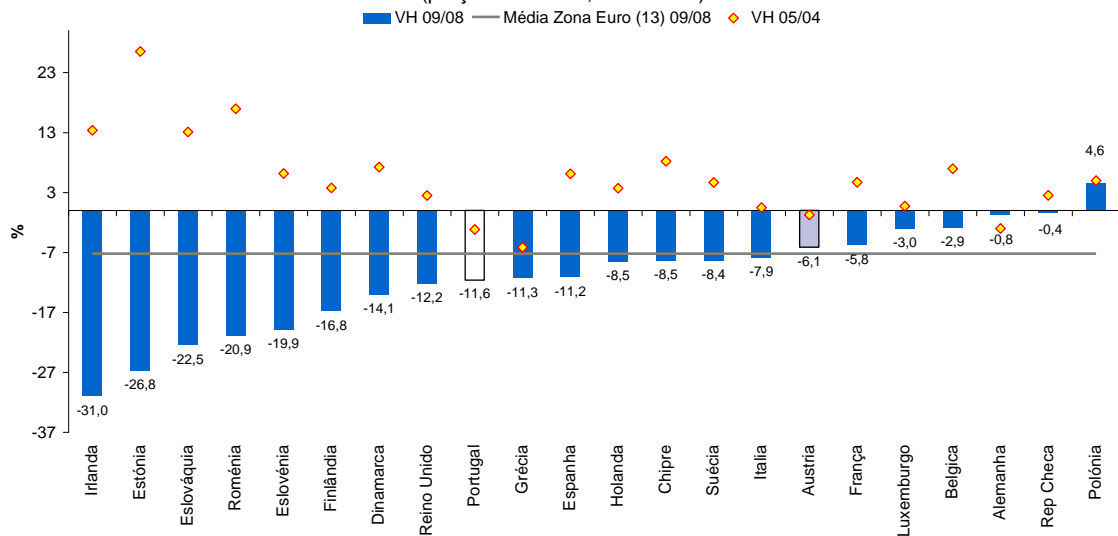
**Figura 3. Peso do VAB do ramo da construção no VAB total, 2000 e 2009 (%)**



Fonte: Base de dados do Eurostat e Contas Nacionais do INE.  
Nota: \* Alemanha inclui República Democrática desde 1991.

A diferença de crescimento da FBCF em Construção entre 2009 e 2008 foi de 4.4 p.p. relativamente à Zona Euro (a 13 países), sendo este diferencial menor do que o registado em 2005 (5,2 p.p.). A média da Zona Euro tem vindo a cair desde 2006, acentuando-se no ano de 2009, fruto também da crise do imobiliário que atingiu alguns países europeus (Figura 4).

**Figura 4. Taxa de variação homóloga da FBCF em construção, em 2009 e 2005**  
(preços correntes, base 2000)



### 3. A Dinâmica Empresarial na Óptica dos Quadros de Pessoal

A seguinte análise do sector da Construção baseia-se numa base de dados específica, criada com base nos Quadros de Pessoal do Gabinete de Estratégia e Planeamento do (GEP) do Ministério do Trabalho e da Segurança Social (MTSS), onde foi aplicada a metodologia do “Manual of Business Demography Statistics” (Eurostat/OCDE, 2007). Considera-se portanto apenas um subconjunto da base de dados dos Quadros de Pessoal, constituído apenas por empresas activas, que empreguem pelo menos um trabalhador remunerado, as chamadas “empresas empregadoras”. Consideraram-se para o efeito apenas as empresas classificadas nas secções A a Q da CAE-Rev.2.1.<sup>3</sup> A análise é efectuada entre 1995 e 2006 devido à introdução do Sistema Europeu de Contas (SEC95) e também a problemas de compatibilização com a CAE Rev.3 após 2007.

#### 3.1. Caracterização das Empresas Activas

Segundo os Quadros de Pessoal, o número de empresas no sector da Construção tem vindo a aumentar desde 1995, saldando-se em 41.203 empresas empregadoras activas em 2007. Destas, 53% empregam menos de 4 trabalhadores, 79% menos de 10 e apenas 2,1% mais de 50 trabalhadores (Quadro 3). É portanto um tecido empresarial caracterizado essencialmente por empresas de pequena dimensão.

<sup>3</sup> O sector da Construção é ao nível da CAE Rev. 2.1, representado pela letra F.

Quadro 3. Nº de empresas activas por dimensão de empresa

	Dimensão da Empresa	Construção (nº empresas)	Total de empresas (nº empresas)	Proporção de empresas da Construção no total de empresas (%)
1995	1-4	11.190	114.284	9,8%
	5-9	5.041	40.872	12,3%
	10-19	2.489	19.564	12,7%
	20-49	1.227	11.339	10,8%
	50-249	490	5.372	9,1%
	Mais de 250	69	811	8,5%
	<b>Total</b>	<b>20.506</b>	<b>192.242</b>	<b>10,7%</b>
1999	1-4	17.978	149.921	12,0%
	5-9	7.828	50.745	15,4%
	10-19	3.631	23.702	15,3%
	20-49	1.607	13.119	12,2%
	50-249	497	5.911	8,4%
	Mais de 250	66	840	7,9%
	<b>Total</b>	<b>31.607</b>	<b>244.238</b>	<b>12,9%</b>
2000	1-4	21.985	168.588	13,0%
	5-9	9.298	54.217	17,1%
	10-19	4.300	25.131	17,1%
	20-49	1.812	13.827	13,1%
	50-249	548	6.089	9,0%
	Mais de 250	64	837	7,6%
	<b>Total</b>	<b>38.007</b>	<b>268.689</b>	<b>14,1%</b>
2003	1-4	25.553	196.986	13,0%
	5-9	11.823	60.484	19,5%
	10-19	5.453	27.731	19,7%
	20-49	2.196	14.335	15,3%
	50-249	679	6.178	11,0%
	Mais de 250	62	847	7,3%
	<b>Total</b>	<b>45.766</b>	<b>306.561</b>	<b>14,9%</b>
2007	1-4	21.970	238.304	9,2%
	5-9	10.777	62.846	17,1%
	10-19	5.204	29.281	17,8%
	20-49	2.371	16.539	14,3%
	50-249	801	6.988	11,5%
	Mais de 250	80	962	8,3%
	<b>Total</b>	<b>41.203</b>	<b>354.920</b>	<b>11,6%</b>

Fonte: Sarmento e Nunes (2010b), com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS.

Nota: O sector da Construção corresponde à letra F da Classificação das Actividades Económicas.

À semelhança do que ocorre na maioria dos grandes sectores económicos em Portugal, a dimensão média das empresas de Construção tem vindo a diminuir (Sarmento e Nunes, 2010a), em particular desde o ano 2001 (Quadro 4), passando de 9,5 trabalhadores em média durante o período de 1995 a 2000, para 8,3 de 2000 a 2007 (Quadro 5).

Quadro 4. Dimensão média anual das empresas no sector da construção  
(nº de empregados médio por empresa)

	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
<b>Construção</b>	10,5	10,4	10,0	9,2	8,6	8,1	8,6	8,2	7,9	8,1	8,1	8,2	9,0
<b>Total da economia</b>	11,6	11,3	11,0	10,8	10,6	10,0	10,0	9,4	9,3	9,3	9,0	9,0	9,0

Fonte: Sarmento e Nunes (2010b), com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS.

Quadro 5. Dimensão média das empresas no sector da construção por intervalo de tempo  
(nº médio de trabalhadores por empresa)

	Construção		Total da economia
<b>1995-2007</b>	8,9		10,0
<b>1995-2000</b>	9,5	↓	10,9
<b>2000-2007</b>	8,3		9,4

Fonte: Cálculos próprios com base nos Quadros de Pessoal (GEP/MTSS), segundo a metodologia Eurostat/OCDE (2007).

No sector da Construção, a dimensão de novas empresas (expressa em número de trabalhadores) é de cerca de metade da dimensão média da população de empresas activas (Quadro 6), verificando-se, no entanto, um crescimento relativo entre 1995 e 2006 (de 48,9% para 57,4%), superior ao registado no total da economia (35,4% para 37,5%). A dimensão das empresas encerradas relativamente á das empresas existentes ronda também os 50%, proporção também superior à média das empresas encerradas na economia. A diferença entre as empresas encerradas e criadas, que reflecte o crescimento médio das empresas ocorrido durante os anos em actividade, tem vindo a estreitar-se, também em linha com o verificado na economia em geral (Sarmento e Nunes, 2010b). Regista-se no entanto que em 2001 as empresas encerradas são em média mais pequenas que as novas empresas criadas, invertendo-se esta tendência em 2002, para permanecer uma diferença reduzida nos anos seguintes, o que aponta para um fenómeno de reajustamento do sector ao longo destes últimos anos.

**Quadro 6. Dimensão de novas empresas e de empresas encerradas relativamente ás empresas existentes**

	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
	Dimensão média de novas empresas relativamente à dimensão das empresas existentes (em % da dimensão das empresas existentes, médias anuais)											
Construção	48,9	45,4	48,3	45,5	44,4	46,3	57,1	50,5	51,9	49,7	52,5	57,4
Total da economia	35,4	36,2	37,1	39,7	38,9	42,9	42,2	41,2	42,7	41,2	44,8	37,5
	Dimensão média das empresas encerradas relativamente à dimensão das empresas existentes (em % da dimensão das empresas existentes, médias anuais)											
Construção	52,7	54,4	52,9	51,2	48,2	50,8	52,0	55,0	50,9	50,4	53,0	
Total da economia	45,1	43,1	46,4	44,1	51,0	48,2	48,3	46,8	43,1	40,4	39,8	
Diferença entre as dimensões médias de empresas encerradas e criadas na Construção (p.p.)	3,8	8,9	4,7	5,6	3,9	4,5	-5,0	4,5	-1,0	0,7	0,5	

Fonte: Cálculos próprios com base nos Quadros de Pessoal (GEP/MTSS), segundo a metodologia Eurostat/OCDE (2007).

No período compreendido entre 2000 a 2007, 93,1% do total de empresas no sector da Construção empregavam menos de 20 trabalhadores, valor superior á média nacional (92,8%). O número de empresas com menos de 20 trabalhadores tem vindo a aumentar, em linha com a tendência de diminuição de dimensão média registada a nível nacional (Sarmento e Nunes, 2010a; Sarmento e Nunes, 2010b). O crescimento da proporção de empresas desta dimensão tem verificado no entanto um menor ritmo de crescimento que os restantes sectores, nomeadamente no caso da Indústria.

**Quadro 7. Proporção de empresas com menos de 20 trabalhadores por sector**  
(empresas com menos de 20 trabalhadores em % do total por sector)

	Construção	Indústria	Serviços	Agricultura e Pescas	Total nacional
1995-2007	92,9%	81,5%	94,7%	96,5%	92,4%
1995-1999	92,2%	79,6%	94,6%	95,6%	91,5%
2000-2007	93,1%	82,6%	94,8%	96,9%	92,8%

Fonte: Sarmento e Nunes (2010b), com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS.

### 3.2. Criação de Empresas

Em 2006, o sector da Construção foi responsável por 13,3% da criação de empresas em Portugal, ou seja, em cada 100 novas empresas, 13 pertencem ao sector da Construção. Este valor é apenas ultrapassado pela criação de novas empresas no sector dos serviços. O sector da Construção apresenta o maior crescimento médio anual de criação de empresas até ao ano de 2000, mas regista um abrandamento ao longo do período subsequente.

A criação de empresas, de acordo com o manual do Eurostat/OCDE (2007) é dado pela taxa de natalidade<sup>4</sup> da demografia empresarial.

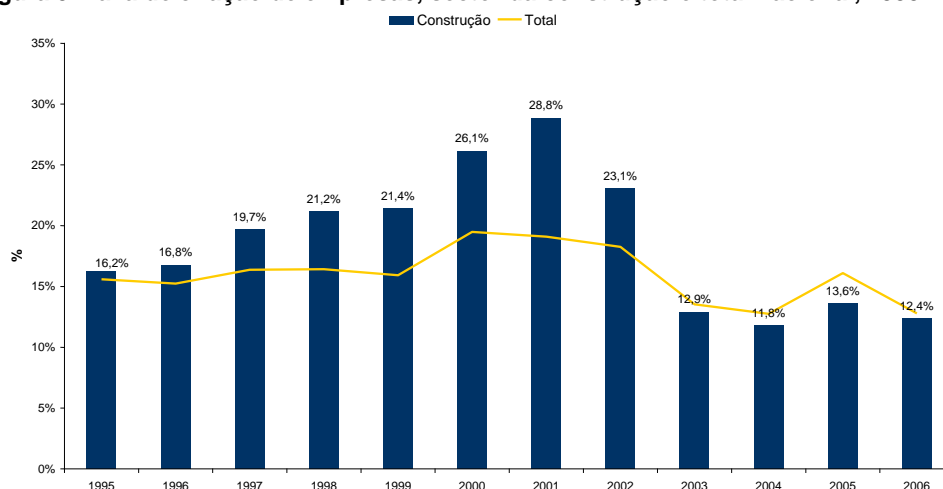
**Quadro 8. Proporção de criação de empresas atribuída a cada sector económico, 1995-2006**  
(%)

	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
<b>Construção</b>	11,1	11,9	13,7	15,7	17,4	19,0	22,8	19,4	14,2	13,5	11,9	13,3
<b>Indústria</b>	15,5	14,6	15,0	14,3	14,1	12,2	14,2	11,6	10,4	9,8	8,7	9,2
<b>Serviços</b>	68,9	68,9	66,1	65,9	64,7	65,4	59,5	65,2	71,4	72,4	64,5	71,6
<b>Agricultura e Pescas</b>	4,5	4,6	5,2	4,1	3,8	3,5	3,5	3,7	3,9	4,3	14,9	5,8

Fonte: Sarmento e Nunes (2010b), com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS.

No que diz respeito às taxas de natalidade de empresas (Figuras 5 e 6), o sector da Construção apresenta o maior dinamismo no período 1998 a 2001 (Sarmento e Nunes, 2010b) no conjunto dos principais sectores económicos, período no qual as taxas de natalidade ultrapassaram os 20%, sendo acompanhadas por um aumento do peso deste sector no total de criação de empresas em Portugal. De 1996 a 2001, o sector da Construção forneceu o maior contributo para o crescimento da criação de empresas em Portugal, mantendo-se este ainda durante os anos de 2003 e 2004 (Sarmento e Nunes, 2010b). Em 2001, 29 em cada 100 empresas recém-criadas pertenciam ao sector da construção (que representava 4,4% do total de empresas no país em 2001). Podem ser observadas tendências idênticas noutros países, nomeadamente em Espanha (Consejo Superior de Cámaras de Comercio en España, 2003).

**Figura 5. Taxa de criação de empresas, sector da construção e total nacional, 1995-2006**

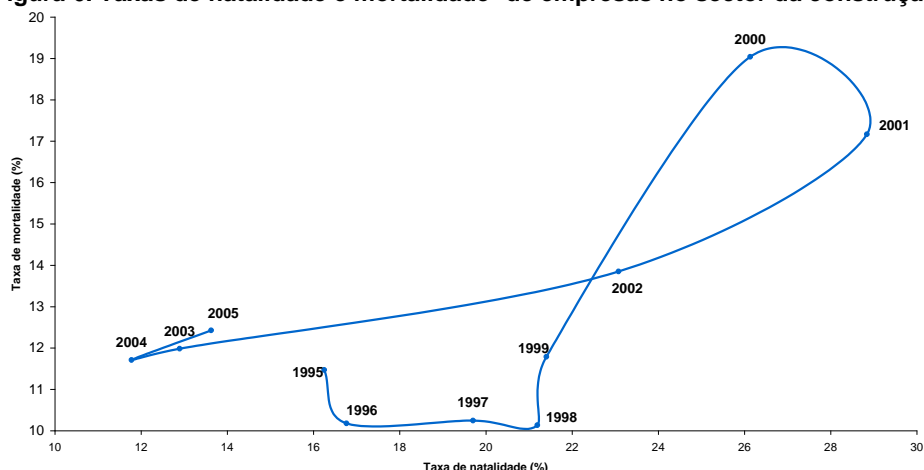


Fonte: Sarmento e Nunes (2010b), com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS.

A figura seguinte é ilustrativa da dinâmica empresarial na Construção, revelando um aumento sucessivo de ambas as taxas de mortalidade<sup>5</sup> e natalidade no sector até 2001 (dado a sua elevada correlação) e mais uma vez tornando evidente a diminuição na geração de empresas após 2001.

<sup>4</sup> A taxa de natalidade consiste num rácio composto por um numerador que corresponde ao total de nascimentos de empresas empregadoras e por um denominador que corresponde ao total de empresas empregadoras activas no período de referência. Um nascimento de uma empresa empregadora ocorre quando esta inicia actividade. Estes não incluem entradas na população devido a fusões, aquisições ou reestruturações de empresas ou reactivações de unidades que estejam adormecidas durante um período de mais de 2 anos. Esta população é também composta por empresas que, embora existindo em anos anteriores, estavam abaixo do limiar de um trabalhador, de acordo com a metodologia Eurostat/OECD, 2007.

<sup>5</sup> A taxa de mortalidade consiste num rácio composto por um numerador que corresponde ao total de encerramentos de empresas empregadoras e por um denominador que corresponde ao total de empresas empregadoras activas no período de referência, segundo a definição do manual do Eurostat/OCDE (2007).

Figura 6. Taxas de natalidade e mortalidade<sup>5</sup> de empresas no sector da construção

Fonte: Elaboração própria com base nos Quadros de Pessoal (GEP/MTSS), segundo a metodologia Eurostat/OCDE (2007).

A nível regional é na região Norte e no Centro onde ocorrem mais metade dos nascimentos de empresas de Construção (37% no Norte e 22% no Centro em 2006).

Quadro 9. Proporção de nascimentos de empresas activas por região NUT II

	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Norte	40,7	38,2	41,2	41,1	41,2	36,7	7,5	36,0	35,3	36,4	39,9	36,9
Centro	24,6	26,4	24,7	23,6	25,4	26,0	20,7	26,2	24,4	23,9	23,7	21,5
Lisboa	20,6	19,3	19,0	19,5	18,0	20,1	5,8	20,9	21,7	21,8	18,8	24,0
Algarve	4,1	5,0	4,7	4,6	5,1	5,9	24,1	7,4	6,9	7,6	7,4	8,3
Alentejo	5,6	6,5	7,1	7,3	6,8	7,7	1,2	5,7	6,6	5,4	6,3	5,1
Madeira	3,1	3,2	2,4	2,9	2,7	2,5	0,0	2,5	3,4	3,1	2,4	2,4
Açores	1,2	1,3	0,9	1,1	0,9	1,1	2,8	1,3	1,7	1,9	1,5	1,8

Fonte: Gabinete de Estratégia e Estudos (2010).

#### 4. Emprego

De acordo com as Contas Nacionais do INE, o emprego (equivalente a tempo completo) na Construção era em 2007, de 540 milhares de indivíduos, representado 12,2% do total do emprego da economia. O peso deste sector no emprego aumentou gradualmente até ao ano 2002 (13,7%), mas registou uma desaceleração nos anos subsequentes (Quadro 10).

Quadro 10. Emprego total, equivalente a tempo completo (ETC), milhares de indivíduos e peso (%)

	1995R	1996R	1997R	1998R	1999R	2000R	2001R	2002R	2003R	2004R	2005R	2006D	2007D
Construção	431	441	467	521	538	596	587	605	581	574	550	537	540
Total da economia	4.431	4.503	4.618	4.776	4.836	4.960	5.025	5.050	5.005	4.999	4.985	4.990	4.986
Peso da Construção no total (%)	9,7	9,9	10,5	11,8	12,2	13,5	13,2	13,7	13,1	13,0	12,4	12,1	12,2

Fonte: GEE, com base nas Contas Nacionais Anuais Definitivas (base 2006), INE.

Nota: R corresponde a dados retropolados e D a dados definitivos.

A análise prossegue agora com recurso apenas aos Quadros de Pessoal. Em 2007, o sector da Construção empregava 11,6% do total de trabalhadores do universo das empresas empregadoras dos Quadros de Pessoal<sup>6</sup>. Desde 2002, o ano de maior crescimento do emprego na Construção ao longo do

<sup>6</sup> Com aplicação da metodologia Eurostat/OCDE (2007).



período 1995-2007 (13,5%), que se tem vindo a registar, também do ponto de vista dos Quadros de Pessoal, um sucessivo abrandamento na taxa de crescimento do emprego (Quadro 11 e Figura 7).

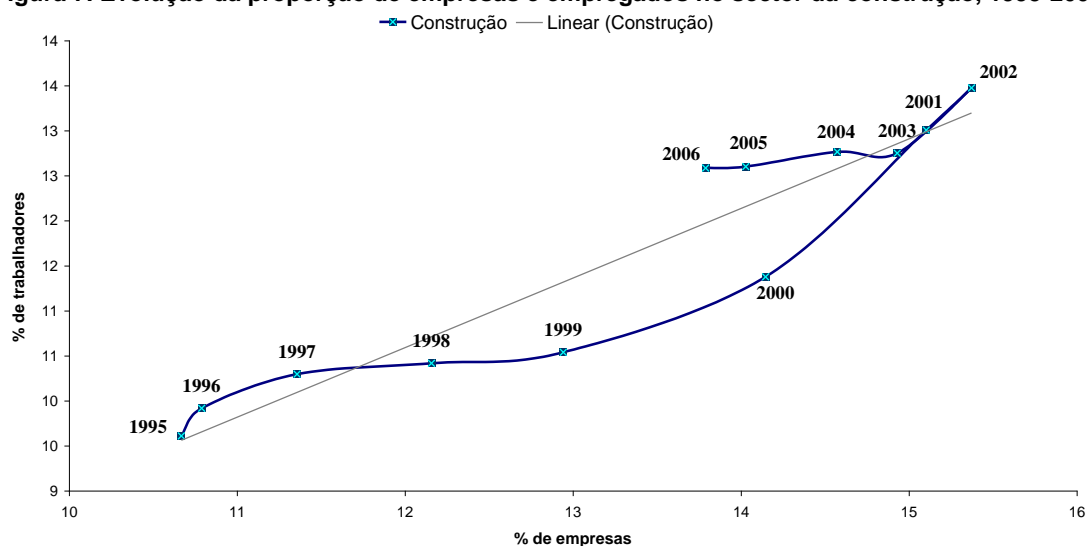
**Quadro 11. Nº de trabalhadores em empresas activas com mais de um trabalhador CAE 11**  
(Rev. 2.1 de 1995 a 2007)

	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
<b>Construção</b>	214.890	221.556	241.954	256.861	272.000	307.182	370.829	380.021	363.238	370.141	386.804	390.151	372.395
<b>Total da economia</b>	2.235.634	2.233.819	2.349.681	2.465.546	2.580.324	2.699.574	2.850.875	2.819.752	2.848.259	2.899.280	3.069.323	3.099.502	3.205.372
<b>Peso da Construção no total de empresas activas</b>	9,6	9,9	10,3	10,4	10,5	11,4	13,0	13,5	12,8	12,8	12,6	12,6	11,6

Fonte: Cálculos próprios com base nos quadros de Pessoal (GEP/MTSS), segundo a metodologia Eurostat/OCDE (2007).

A figura seguinte é ilustrativa do período de expansão do sector, verificado entre 1995 e 2002, não só a nível do emprego, mas também acompanhado pela criação de novas empresas, e uma inflexão do ritmo de expansão do sector após o ano 2002.

**Figura 7. Evolução da proporção de empresas e empregados no sector da construção, 1995-2006**

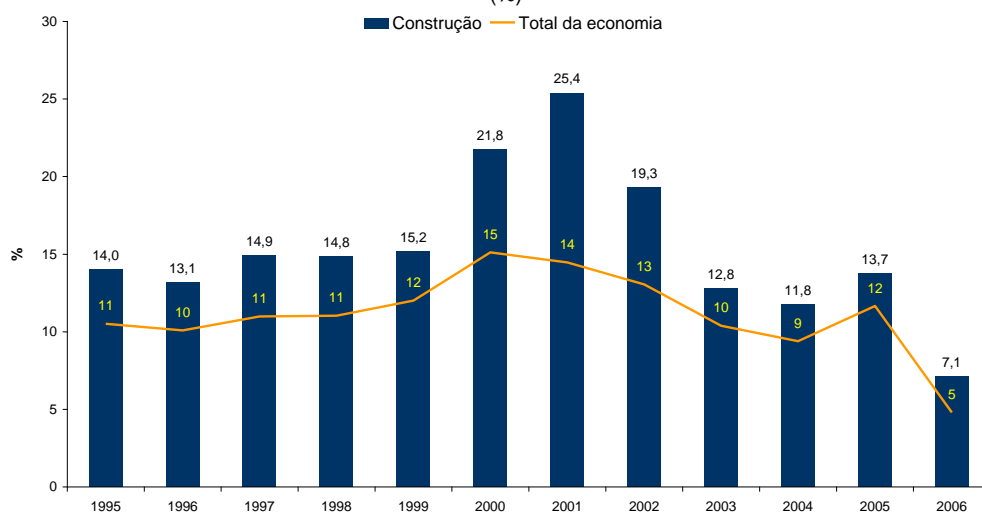


Fonte: Elaboração própria com base nos Quadros de Pessoal (GEP/MTSS), segundo a metodologia Eurostat/OCDE (2007).

A rotação<sup>7</sup> de trabalhadores registou um aumento considerável entre 2000 e 2002, permanecendo acima dos 20%, em linha com o aumento do número de empresas neste período (Quadro 3). Esta mantém-se acima da média nacional ao longo de todo o período em análise, indiciando uma maior entrada e saída de trabalhadores em empresas de Construção do que o verificado em média na economia.

<sup>7</sup> A rotação de trabalhadores é calculada através da soma do número de trabalhadores empregues em novas empresas com o número de trabalhadores empregues em empresas que foram encerradas.

**Figura 8. Rotação<sup>8</sup> de trabalhadores no sector da Construção e no total da economia (%)**



Fonte: Cálculos próprios com base nos Quadros de Pessoal (GEP/MTSS), segundo a metodologia Eurostat/OCDE (2007).

## 5. Sobrevivência de Empresas no sector da Construção

Os métodos não paramétricos de análise da sobrevivência, descritos por Nunes e Sarmento (2010), permitem analisar a performance das empresas no que diz respeito à sua capacidade de sobrevivência, bem como estimar qual o risco de sobrevivência associado às empresas pertencentes a um determinado sector económico. Considera-se que uma empresa sobrevive se se mantiver em actividade, em termos de volume de negócios e/ou emprego, em qualquer período do ano ou se a unidade legal a que estava ligada tiver cessado a actividade, mas que em contrapartida, tenha sido retomada por uma ou mais novas unidades legais criadas. Uma empresa nascida no ano  $n-t$  com uma ou mais pessoas remuneradas, sobrevive em  $n$ , se estiver representada nas populações de empresas activas entre  $n-t$  e  $n$ , com uma ou mais pessoas remuneradas (Eurostat/OCDE, 2007).

A análise de sobrevivência<sup>8</sup> não paramétrica é calculada ao longo do período 1995 a 2005 (Quadro 12). Para o total da economia, Nunes e Sarmento (2010) constataram que apenas cerca de 86% das novas empresas que nascem em determinado ano, permanecem activas após um ano de actividade. A probabilidade de sobrevivência diminui gradualmente com o aumento do número de anos de “vida” da empresa. Entre o 5º e o 6º ano de actividade, estima-se que cerca de 50% das empresas encerre. Após 18 anos de actividade, pouco mais de 20% das empresas permanecem efectivamente activas.

No Quadro 12, observa-se a correspondente desagregação sectorial. As empresas que operam no sector da construção apresentam as probabilidades de sobrevivência mais baixas de entre os quatro principais sectores económicos considerados e apresentam a maior divergência entre o primeiro e o décimo ano de actividade (uma diminuição de 55,1 p.p.). Após um ano de actividade, 84,8% das empresas existentes no sector da Construção estão ainda activas. Ao fim de 5 anos apenas metade das empresas permanece em actividade e ao fim de 10 anos, apenas 30% das empresas ainda se mantêm presentes no mercado. Todos os restantes sectores apresentam taxas de sobrevivência superiores.

<sup>8</sup> A função de sobrevivência reporta a probabilidade de uma empresa activa sobreviver para além do momento  $t$  (o momento da observação), isto é, a probabilidade de a empresa não cessar actividade antes do momento  $t$ , ( $\Pr(T > t)$ ). A função é igual a um no momento  $t=0$  e diminui, tendencialmente, para zero à medida que o tempo ( $t$ ) tende para infinito. A probabilidade de sobrevivência  $S(t)$  é representada por:  $S(t) = 1 - F(t) = \Pr(T > t)$ . As probabilidades apresentadas dizem respeito a conjuntos de empresas (“cohorts”) nascidas nos anos apresentados. Foi aplicado o estimador não paramétrico Kaplan-Meier, de acordo com a seguinte fórmula:  $\hat{S}(t) = \prod_{j: t_j \leq t} \left( \frac{n_j - d_j}{n_j} \right)$ .

Na Construção, o valor mediano para o período de actividade de uma empresa situa-se entre os 4 e os 5 anos de vida, aumentando em mais dois anos para os sectores dos Serviços e da Agricultura e Pescas.

**Quadro 12. Tabela de sobrevivência para novas empresas criadas no sector da construção entre 1995 e 2005**

Anos	Função de sobrevivência Kaplan-Meier			
	Construção	Indústria	Serviços	Agricultura e Pescas
	%	%		
1	84,8%	86,4%	85,9%	86,5%
2	73,3%	75,7%	75,4%	76,1%
3	63,8%	66,9%	66,9%	67,9%
4	56,0%	59,4%	60,1%	60,3%
5	49,4%	52,8%	54,5%	54,3%
6	44,2%	47,7%	49,8%	49,3%
7	39,8%	43,9%	45,7%	44,8%
8	36,3%	40,4%	42,3%	40,9%
9	33,1%	37,2%	39,1%	38,8%
10	29,7%	34,2%	35,7%	36,1%

Fonte: Nunes e Sarmiento (2010), baseado nos *Quadros de Pessoal*, GEP, MTSS de acordo com a metodologia Eurostat/OCDE.

## 7. Conclusões

O sector da Construção evidencia ter vivido um ciclo de expansão entre 1995 e 2001, após o qual a criação de emprego mas sobretudo de novas empresas apresenta uma menor dinâmica. A nível macroeconómico, verifica-se que também o investimento em Construção tem vindo a desacelerar o seu ritmo de crescimento desde 2001. Embora demonstrando alguma recuperação entre 2007 e 2008, este retorna em 2009 para um valor de investimento sensivelmente idêntico ao de 1997. O peso do VAB do sector da Construção no VAB total da economia tem também vindo a ser menos preponderante desde 2000.

Em 2007, o sector da Construção era responsável por mais de 11% do total do emprego da Economia. O peso deste sector no emprego aumentou gradualmente até ao ano 2002, mas registou uma diminuição nos anos subsequentes. A rotação de trabalhadores situa-se acima da média nacional ao longo de todo o período em análise, indiciando uma maior entrada e saída de trabalhadores em empresas da Construção do que no resto da economia.

De acordo com os Quadros de Pessoal, em 2006, o sector da Construção foi responsável por 13,3% da criação de empresas em Portugal. Este valor é apenas ultrapassado pela criação de novas empresas no sector dos serviços. O sector da Construção apresenta o maior crescimento médio anual de criação de empresas até ao ano de 2001, mas regista um abrandamento ao longo do período subsequente. Entre 1996 e 2001, o sector da Construção forneceu o maior contributo para o crescimento da criação de empresas em Portugal, mantendo-se este ainda durante os anos de 2003 e 2004. A região Norte e Centro são responsáveis por mais de metade da criação de empresas ao longo destes 11 anos.

Ainda de acordo com os Quadros de Pessoal, em 2007, 53% das empresas de Construção empregavam menos de 4 trabalhadores, 79% menos de 10 e apenas 2,1% mais de 50 trabalhadores. No período compreendido entre 2000 a 2007, 93,1% do total de empresas no sector da Construção empregavam menos de 20 trabalhadores, valor superior á média nacional. À semelhança do que ocorre na maioria dos grandes sectores económicos em Portugal, a dimensão média das empresas de Construção tem vindo a

reduzir-se, em particular desde o ano 2000. Este é portanto um tecido empresarial caracterizado essencialmente por empresas de pequena dimensão.

A utilização da análise de sobrevivência aplicada ao sector da Construção, permite verificar que as empresas encerram mais prematuramente no sector da Construção relativamente aos restantes grandes sectores económicos. Após um ano de actividade, 84,8% das empresas existentes no sector da Construção estão ainda activas. Ao fim de 5 anos apenas metade das empresas permanece em actividade e ao fim de 10 anos, apenas 30% das empresas ainda se mantêm presentes no mercado. Todos os restantes sectores apresentam taxas de sobrevivência superiores. O pico de mortes de empresas é atingido ao fim de quatro anos de actividade, mais precocemente que a média portuguesa que se situa entre o 5º e o 6º ano de actividade.

### Referências Bibliográficas

Consejo Superior de Cámaras de Comercio, Industria y Navegación de España (2003), “Creación y consolidación de empresas. Políticas de apoyo”, Servicio de Estudios.

Eurostat/OCDE (2007), “Eurostat-OECD Manual on Business Demography Statistics”, disponível em: [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_OFFPUB/KS-RA-07-010/EN/KS-RA-07-010-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_OFFPUB/KS-RA-07-010/EN/KS-RA-07-010-EN.PDF).

Gabinete de Estratégia e Estudos (2010), “Sínteses Estatísticas da Dinâmica Empresarial”, Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento.

Nunes, A. e E. de Morais Sarmiento (2010a), “Business Demography Dynamics in Portugal: a semi-parametric Survival Analysis”, Grupo de Estudos Monetários e Financeiros, Working Papers n. 9/2010.

Sarmiento, E. de Morais e A. Nunes (2010a) “Getting smaller: size dynamics of employer enterprises in Portugal” in “Cadernos Sociedade e Trabalho”, Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social (forthcoming).

Sarmiento, E. de Morais e A. Nunes (2010b), “Entrepreneurship performance indicators for active employer enterprises in Portugal”, Temas Económicos nº 9, Gabinete de Estratégia e Estudos, Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento.